



LIÇÃO
11

15 de Junho de 2025
2º TRIMESTRE 2025
ADULTOS

Murilo Alencar

**A intercessão
de Jesus
pelos discípulos**

Esboço Da Lição 11

Do 2º Trimestre

De 2025

Por Murilo Alencar

DIREITOS AUTORAIS

Este subsídio está protegido por leis de direitos autorais. Todos os direitos sobre o subsídio são reservados. Você não tem permissão para alterar ou vender este subsídio. Nem tem permissão para copiar/reproduzir o conteúdo do subsídio em sites, blogs ou jornais. Qualquer tipo de violação dos direitos autorais estará sujeita a ações legais.

SOBRE O ABRA A JAULA

O **Abra a Jaula** é um projeto de pregação, evangelismo e ensino da palavra de Deus. O abrir a jaula pode ser comparado com a ordenança máxima dada a igreja por Jesus "Ide por todo mundo e pregai o evangelho a toda criatura". Spurgeon disse que o evangelho é como um leão faminto que está enjaulado, de modo que nosso papel não é salvar ninguém, mas abrir a jaula e deixar que o Leão saia e consuma os corações!

Nesse sentido, nos colocamos a disposição, principalmente de Deus, para promover um conteúdo bíblico e pentecostal.

No acervo de vídeos do Abra a Jaula, temos pregações curtas, reflexões bíblicas, pré-aula da Escola Dominical, dicas de pregação com O Pregador e a Pregação e o personagem da bíblia, além de vários projetos que ainda estão para serem colocados em prática, pois estamos em constante crescimento.

É um privilégio muito grande contribuir com seu ministério. Nós gostaríamos de te conhecer melhor e estar mais próximo de você. Faça parte da nossa família, é só clicar nos botões.



Site



Canal



Instagram



Facebook



Twitter



(87) 99808-9816

E O VERBO SE FEZ CARNE
Jesus sob o Olhar do Apóstolo do Amor

Domingo, 15 de junho de 2025

A INTERCESSÃO DE JESUS PELOS DISCÍPULOS

O QUE ESTUDAREMOS?

Nesta lição, estudaremos uma das orações mais impactantes da Bíblia, registrada em João 17. Conhecida como a oração sacerdotal de Jesus, esse texto revela um momento singular em que Cristo, às vésperas de sua crucificação, intercede intensamente pelos seus discípulos e por todos que viriam a crer em seu nome. Preparados? Vamos juntos aprender a Palavra de Deus.

TEXTO ÁUREO

E a vida eterna é esta: que eles conheçam a ti, que és o único Deus verdadeiro; e conheçam também Jesus Cristo, que enviaste ao mundo. (Jo 17.3 NTLH).

Este versículo faz parte da chamada oração sacerdotal de Jesus (João 17), pronunciada pouco antes de sua prisão. Após afirmar que chegou a hora da glorificação (v.1), Jesus reconhece que recebeu autoridade para dar vida eterna a todos os que o Pai lhe confiou (v.2). Em seguida, Ele define o que é a vida eterna (v.3).

No contexto do judaísmo do Segundo Templo, a vida eterna era normalmente entendida como uma bênção futura, reservada para os justos após a ressurreição dos mortos no final dos tempos. A vinda de Jesus inaugura uma releitura dessa esperança: a vida eterna deixa de ser apenas uma promessa futura e passa a ser uma realidade presente, relacional e espiritual.

Na filosofia grega, especialmente no platonismo, a vida eterna era concebida como a imortalidade da alma. A alma era vista como eterna por natureza, presa a um corpo corruptível, e a morte era a libertação da alma do mundo material. Essa concepção influenciou muitos cristãos primitivos, mas é claramente contrastada por Jesus, que não promete uma fuga da carne, mas a vida plena com Deus, em corpo e alma neste mundo e na eternidade.

Elementos distintivos da definição cristã:

1. Conhecimento relacional: não se trata de informação intelectual (*gnosis*), mas de comunhão pessoal (*ginosko* no grego, usado para relações profundas, como entre marido e mulher – cf. Gn 4.1 na LXX).
2. Cristocentrismo: o acesso ao Deus verdadeiro é mediado exclusivamente por Cristo (Jo 14.6–7).
3. Presente e futuro: a vida eterna começa agora (Jo 5.24), mas se consuma na glória futura (Jo 14.3; Ap 21.3–4).
4. Qualidade, não apenas duração: trata-se de uma vida participativa, na qual o ser humano compartilha da própria vida divina (2Pe 1.4), sendo transformado por ela.

VERDADE PRÁTICA

A oração que Jesus fez ao Pai em favor de si próprio, dos seus discípulos e da sua Igreja ressoa ainda nos dias atuais.

A depender da didática do professor, essa atividade pode ser realizada no início, meio ou fim de sua aula.

Atividade: “A oração de Jesus e a minha vida hoje.”

Base Bíblica: João 17.1–26

Objetivo: Compreender de forma clara como os pedidos de Jesus em João 17 continuam se cumprindo na vida da Igreja e de cada crente.

Passos:

1. Leitura Guiada (5 minutos): Divida a turma em 3 grupos e atribua a cada um a leitura de uma parte da oração de João 17:
 - Grupo 1: João 17.1–5 (oração por si mesmo).
 - Grupo 2: João 17.6–19 (oração pelos discípulos).
 - Grupo 3: João 17.20–26 (oração por todos os que creriam).
2. Identificação Bíblica (5 minutos): Cada grupo deve responder:
 - Qual é o pedido central de Jesus nessa parte da oração?
 - Esse pedido ainda é relevante hoje? Como?
3. Aplicação Pessoal (5 minutos): Peça que cada aluno escreva em 1 frase uma resposta pessoal à pergunta: “O que Jesus pediu ao Pai nesta oração que eu preciso viver hoje?” Exemplos:
 - “Preciso buscar mais unidade com meus irmãos em Cristo.”
 - “Quero glorificar a Deus com minha vida, como Jesus fez.”

**Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?
Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos
Infográficos e fluxogramas?
Aperte agora mesmo **aqui** para conhecer a maior plataforma de auxílio
ao professor da EBD**

1. A ORAÇÃO DE JESUS E SUA GLORIFICAÇÃO

1. 1. A oração de Jesus.

A LIÇÃO DIZ: *Entre todas as orações do Senhor documentadas nos Evangelhos, é indiscutível que foi João quem relatou, possivelmente, a mais elevada oração de Jesus (17.1-26).*

João 17 está intimamente conectado ao discurso de despedida nos capítulos 14 a 16, como indicado pela expressão introdutória "Depois de dizer isso". No mundo antigo, orações como essa eram comuns em discursos finais.

F. F. Bruce diz que, nessa oração, o Senhor consagra-se para o sacrifício em que ele é, ao mesmo tempo, sacerdote e vítima. Também é uma oração de consagração em favor daqueles por quem o sacrifício é oferecido – os discípulos que estavam no cenáculo e os que depois viriam a crer através do testemunho deles.¹ Warren Wiersbe destaca que Jesus ora por si mesmo e diz ao Pai que concluiu sua obra aqui na terra (17.1–5), ora por seus discípulos, pedindo ao Pai que os guarde e os santifique (17.6–19), e ora pela igreja inteira, para que possamos ser unidos nele e, um dia, participarmos de sua glória (17.20–26).²

A estrutura de João 17 é tradicionalmente dividida em três partes principais, conforme o conteúdo e os destinatários da oração. Essa divisão é amplamente reconhecida por comentaristas como D. A. Carson, William Hendriksen, Andreas Köstenberger e outros, e pode ser assim resumida:

1.1.1 Jesus ora por Si mesmo (Jo 17.1–5). Tema: Glorificação mútua entre o Pai e o Filho

- Verso 1. Introdução da oração: “Pai, é chegada a hora.”
- Versos 2–3. Jesus fala sobre a autoridade que recebeu e define a vida eterna como conhecer o único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo.
- Versos 4–5. Jesus declara ter cumprido sua missão e pede para ser glorificado com a glória que tinha com o Pai antes da fundação do mundo.

Ênfase teológica: A missão cumprida de Jesus, sua divindade preexistente e a obra da cruz como meio de glorificação.

1.1.2 Jesus ora pelos discípulos (Jo 17.6–19). Tema: Preservação, santificação e missão dos discípulos

- Versos 6–8. Jesus reconhece a fé e a receptividade dos discípulos à revelação do Pai.
- Versos 9–12. Jesus intercede especificamente por eles, não pelo mundo.
- Versos 13–16. Jesus ora para que os discípulos tenham alegria, sejam guardados do mal e não se percam no mundo.
- Versos 17–19. Jesus pede que eles sejam santificados na verdade, e os consagra à missão.

¹ Bruce, F. F. *João: introdução e comentário*, p. 279.

² Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*. Vol. 5, p. 474.

Ênfase teológica: A identidade distinta dos discípulos no mundo, a proteção divina, e o papel central da Palavra na santificação.

1.1.3 Jesus ora por todos os crentes (Jo 17.20–26). Tema: Unidade e glorificação da Igreja

- Versos 20–23. Jesus ora por aqueles que creriam por meio da pregação apostólica, para que todos sejam um, como Ele é um com o Pai.
- Versos 24–26. Jesus deseja que os crentes vejam sua glória e experimentem o amor eterno que o Pai tem por Ele.

Ênfase teológica: A unidade espiritual dos crentes, o amor trinitário como base da comunhão da Igreja e a esperança escatológica de ver a glória de Cristo.

1.2 A oração de Jesus pela sua glorificação.

A LIÇÃO DIZ: *Na oração de Jesus pedindo por sua “glorificação” havia um significado espiritual mais profundo, que não se tratava de um ato egoísta. Como já abordamos, Ele estava plenamente ciente de seu ministério e, portanto, da finalidade de sua missão na Terra. Assim, em sua conversa direta com o Pai, Jesus declara que “é chegada a hora”, referindo-se ao momento em que o Pai o glorificaria por meio de seu sacrifício redentor no Calvário. Nosso Senhor expressa: “glorifica a teu Filho para que também o teu Filho te glorifique a ti” (Jo 17.1). Que tipo de glorificação seria essa? Mediante a sua morte, o mundo o conheceria e a vida eterna seria oferecida a todos que o aceitassem como Salvador de suas vidas. Glorificar alguém significa torná-lo conhecido. Jesus seria reconhecido como “o Filho de Deus, o Salvador do mundo” (Jo 17.3,4).*

O texto bíblico diz:

¹Depois de dizer essas coisas, Jesus levantou os olhos ao céu e disse: — Pai, é chegada a hora. Glorifica o teu Filho, para que o Filho glorifique a ti, ²assim como lhe deste autoridade sobre toda a humanidade, a fim de que ele conceda a vida eterna a todos os que lhe deste. ³E a vida eterna é esta: que conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste. ⁴Eu te glorifiquei na terra, realizando a obra que me deste para fazer. (Jo 17.1-4 NAA).

Vamos explicar em três pontos:

1.2.1 O fato de Jesus ter erguido os olhos *ao céu* não prova que ele e seus discípulos estivessem do lado de fora da casa (At 7.55). Com toda a probabilidade, o pequeno grupo ainda estava no cenáculo. Erguer os olhos ao céu era uma postura comum na oração, e muito apropriada também, visto que aquele a quem a oração era dirigida tem seu trono no céu.

1.2.2 A hora era chegada. Muitas vezes seus inimigos foram incapazes de prendê-lo, porque sua hora *não* havia chegado. Mas agora chegara o tempo de o Senhor ser morto. Essa hora era o momento da crise. “Era a hora em que o Filho do homem findaria seus labores ao fazer o único e exclusivo sacrifício de expiação pelo pecado da humanidade; a hora do cumprimento das profecias, de tipos

e de símbolos; a hora do triunfo sobre o príncipe do mundo; a hora da destituição da antiga dispensação e da instituição da nova.”³

1.2.3 A palavra glória (do grego *doxa* ou *doxazo*) ocupa papel central na chamada Oração Sacerdotal de Jesus, sendo mencionada oito vezes no capítulo 17 de João. Entretanto, é essencial perceber que o termo não se refere sempre ao mesmo conceito. Jesus usa glória em diferentes sentidos, e uma exegese cuidadosa precisa distinguir esses usos para não incorrer em confusão teológica.

1.2.3.1 A glória eterna e preencarnada (Jo 17.5). Quando Jesus ora: “Glorifica-me junto de ti mesmo com aquela glória que eu tinha contigo antes que o mundo existisse”, Ele está se referindo à glória eterna, compartilhada com o Pai desde a eternidade.

1.2.3.2 A glória manifestada na obediência (Jo 17.4). Neste versículo, Jesus afirma ter glorificado o Pai ao cumprir a missão que lhe fora confiada. A glória aqui é relacional e funcional: não se trata da glória ontológica (essencial), mas da honra e exaltação que Ele deu ao Pai por meio da sua vida perfeita, seu ensino, seus milagres (cf. Jo 2.11; 11.4, 40) e especialmente pela preparação dos discípulos e sua submissão à cruz (Jo 10.17-18). Em suma, glorificar o Pai significa torná-lo conhecido e honrado por meio de uma vida de perfeita obediência.

1.2.3.3 A glória na cruz e na exaltação (Jo 17.1). Jesus diz: “Pai, é chegada a hora; glorifica o teu Filho, para que o Filho te glorifique”. Aqui, glorificar inclui tanto a cruz quanto a exaltação. A morte de Jesus, à luz de João, não é um fracasso, mas o momento culminante de sua missão (Jo 12.23–25; 13.31–32). Embora, humanamente, a cruz represente vergonha, dor e injustiça, do ponto de vista divino ela é a revelação suprema da graça, do amor e da glória de Deus. A hora chegada é o momento decisivo em que a obediência do Filho trará glória plena ao Pai – e, por consequência, o Pai glorificará o Filho (cf. Fp 2.9-11).

1.2.3.4 A glória compartilhada com os discípulos e crentes (Jo 17.22, 24). Além da glória eterna e funcional, Jesus menciona uma glória comunicada aos discípulos: “Eu lhes dei a glória que a mim me deste”. Essa glória se refere à presença, missão e unidade no amor que caracterizam os que pertencem a Cristo. Ela não é uma glória divina essencial, mas uma participação real e transformadora na vida do Deus trino, antecipando a glorificação futura (Rm 8.30).

1.3 A mesma glória com o Pai.

³ Hendriksen, William. 2014. João. Traduzido por Jonathan Luís Hack. 2a edição. Comentário do Novo Testamento. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã.

A LIÇÃO DIZ: *No versículo 5 está escrito: “E, agora, glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse”. Essa referência à glória se relaciona à divindade do nosso Senhor como o Verbo Divino, antes da sua encarnação. Na realidade, o que Jesus solicita é a glorificação mútua entre o Filho e o Pai (v.5). Somente nosso Senhor, o Filho de Deus, poderia fazer tal pedido por essa glorificação, uma honra que Ele possuía “antes que o mundo existisse”. Essa declaração evidencia a divindade de Jesus, ao revelá-lo como um com o Pai (Jo 17.11,21,24).*

O teólogo William MacDonald diz “Antes de Cristo vir ao mundo, ele habitou no céu com o Pai. Quando os anjos contemplavam o Senhor, viram toda a glória da Divindade. A cada olho, obviamente ele era Deus. Mas, quando ele veio entre os homens, a glória da Divindade foi encoberta. Apesar de ainda ser Deus, isso não era evidente à maioria dos espectadores. Eles o viram apenas como o filho do carpinteiro. Aqui, o Salvador está orando para que a manifestação visível da sua glória no céu fosse restaurada. As palavras Glorifica-me, ó Pai, contigo mesmo significam “Glorifica-me na sua presença no céu. Permite que a glória original que eu desfrutava contigo antes da minha encarnação seja retomada”. Isso ensina claramente a preexistência de Cristo”.⁴

**Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?
Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos
Infográficos e fluxogramas?
Aperte agora mesmo **aqui** para conhecer a maior plataforma de auxílio
ao professor da EBD**

2. A ORAÇÃO DE JESUS PELOS DISCÍPULOS

2.1 Intercessão pela proteção dos discípulos.

A LIÇÃO DIZ: *Nos versículos 4 a 8, exceto o versículo 5, Jesus ora como se estivesse apresentando um relato ao Pai sobre tudo o que realizou durante seu ministério na Terra. No versículo 6, Ele intercede por seus discípulos e pela unidade entre eles, uma vez que seriam os responsáveis por continuar a obra que Jesus havia iniciado.*

O texto bíblico diz:

⁶Manifestei o teu nome àqueles que me deste do mundo. Eram teus, tu os deste a mim, e eles têm guardado a tua palavra. ⁷Agora eles reconhecem que todas as coisas que me tens dado provêm de ti, ⁸porque eu lhes tenho transmitido as palavras que me deste, e eles as receberam, verdadeiramente reconheceram que saí de ti e creram que tu me enviaste. ⁹— É por eles que eu peço; não peço pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus. ¹⁰Todas as minhas coisas são tuas, e as tuas coisas são minhas; e, neles, eu sou glorificado. (Jo 17.6-10 NAA).

A intercessão começa com uma declaração de missão cumprida: Jesus revelou o "nome" do Pai, ou seja, seu caráter, sua vontade, sua presença salvadora. O termo “manifestar” (gr. *phaneróō*) indica não apenas tornar

⁴ MacDonald, William. 2011. Comentário Bíblico Popular: Novo Testamento. 2ª edição. São Paulo: Mundo Cristão.

conhecido, mas tornar visível, acessível. Os discípulos, que antes pertenciam ao mundo, foram separados por Deus e entregues ao Filho.

Jesus atesta que seus discípulos, apesar das falhas humanas, guardaram a palavra de Deus. Isso não significa perfeição, mas lealdade. Eles: (1) Reconheceram a origem divina de tudo que Jesus lhes ensinou; (2) receberam sua palavra com fé; (3) Creram na missão do Filho como enviado do Pai.

Jesus intercede pelos discípulos porque são eles os instrumentos escolhidos para levar a salvação ao mundo. A distinção “não pelo mundo” aponta para a responsabilidade particular que eles têm como portadores da revelação e como representantes do Reino de Deus. Essa oração reflete a preocupação pastoral de Jesus com sua proteção espiritual.

2.2 Os discípulos receberam a Palavra.

A LIÇÃO DIZ: *Apesar de, em certas ocasiões, os discípulos terem encontrado dificuldades para compreender completamente os ensinamentos de Jesus, as suas recordações foram reavivadas pelo Espírito Santo quando receberam o poder no dia de Pentecostes, permitindo-lhes assim entender e difundir o que aprenderam com o Mestre (At 2.14-36). No versículo 6, Jesus referiu-se ao Pai afirmando que os seus discípulos mantiveram a mensagem recebida: “E guardaram a tua Palavra”. Ao vivermos conforme a Palavra de Deus, aceitando e obedecendo aos ensinamentos de Cristo, podemos testemunhar o Evangelho com credibilidade.*

A ideia principal do texto é que, embora os discípulos inicialmente tivessem dificuldades para compreender plenamente os ensinamentos de Jesus, eles guardaram a Palavra revelada, e, posteriormente, com o auxílio do Espírito Santo, foram capacitados a compreender, viver e proclamar essa Palavra. Assim, guardar a Palavra é entendido como acolher, obedecer e testemunhar os ensinamentos de Cristo, o que resulta em um testemunho cristão fiel ao Evangelho.

2.2.1 A ação divina (revelação e envio do Espírito).

2.2.2 A resposta humana (guardar, obedecer).

2.2.3 E a missão no mundo (testemunho com credibilidade).

2.3 Protegidos do mundo.

A LIÇÃO DIZ: *O versículo 14 afirma: “Dei-lhes a tua palavra, e o mundo os odiou, porque não são do mundo, assim como eu não sou do mundo”. É importante prestar atenção ao termo “mundo”. Este pode referir-se ao “universo criado” (Jo 17.5) ou à humanidade (Jo 3.16). No entanto, aqui Jesus se refere ao sistema espiritual governado por Satanás (Jo 17.14).*

O versículo 14 começa com a afirmação: “Dei-lhes a tua palavra”, e a consequência imediata é: “o mundo os odiou”. Receber essa Palavra implica alinhar-se com Deus e com sua verdade, o que necessariamente coloca os discípulos em oposição ao “mundo”.

Jesus afirma que o mundo “os odiou porque não são do mundo, assim como eu não sou do mundo”. Essa oposição não é simplesmente social ou cultural, mas espiritual. O termo “mundo” (gr. *kosmos*) aqui não se refere à criação física nem à humanidade em geral, mas ao sistema espiritual rebelde que se opõe a Deus e está sob o

domínio do Maligno (cf. 1Jo 5.19; Jo 12.31; 16.11). Os discípulos foram tirados desse sistema (Jo 15.19) e agora pertencem a outro Reino, o Reino de Deus (Jo 3.3–5), tornando-se, portanto, estrangeiros nesse mundo (Fp 3.20; 1Pe 2.11).

Nos versículos seguintes (Jo 17.15), Jesus deixa claro que não roga para que o Pai tire os discípulos do mundo, mas que os guarde do Maligno (*ek tou ponērou*). Essa petição mostra que a permanência dos discípulos no mundo é intencional e missional. Eles são enviados ao mundo (Jo 17.18), mas não pertencem mais a ele. Sua segurança espiritual não está em se isolar do mundo, mas em serem guardados por Deus em meio ao combate espiritual.

**Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?
Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos
Infográficos e fluxogramas?
Aperte agora mesmo **aqui** para conhecer a maior plataforma de auxílio
ao professor da EBD**

3. A ORAÇÃO DE JESUS PELOS QUE VIRIAM A CRER

3.1 Oração pela unidade da Igreja.

A LIÇÃO DIZ: *Nesta terceira parte de sua súplica, Jesus pediu pela unidade da Igreja. Mais do que uma unidade de natureza eclesial ou orgânica, Jesus intercedeu pela harmonia espiritual do seu povo. Nosso Senhor ansiava por uma união genuína, tal como a que existe entre Ele e o Pai. Essa foi a súplica do nosso Senhor: “para que todos sejam um, assim como tu, ó Pai, estás em mim, e eu em ti” (Jo 17.21).*

A Bíblia diz:

²⁰— Não peço somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por meio da palavra que eles falarem, ²¹a fim de que todos sejam um. E como tu, ó Pai, estás em mim e eu em ti, também eles estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste. (Jo 17.20-21 NAA).

Agora o sumo sacerdote estendeu sua oração para além dos discípulos. Ele orou por gerações futuras. De fato, ao ler esse versículo, cada cristão pode dizer: “Jesus orou por mim há mais de dois mil anos”.

A oração foi pela unidade entre os cristãos, mas dessa vez estava em vista a salvação de pecadores. A unidade pela qual Cristo orou não era uma questão de unidade externa da Igreja. Antes, era uma unidade baseada na semelhança moral. Ele orava para que cristãos pudessem ser um ao exibir o caráter de Deus e de Cristo. Isso é o que faria o mundo crer que Deus o enviara. Essa é a unidade que faz o mundo dizer: “Vejo Cristo nesses cristãos como o Pai foi visto em Cristo”.

3.2 Propósito da unidade.

A LIÇÃO DIZ: *O propósito da unidade espiritual da Igreja, conforme a intercessão do nosso Senhor, é que “o mundo creia que tu me enviaste” (v.21). Assim, a Igreja revela essa unidade espiritual com Cristo por pelo menos quatro motivos: (1) união essencial dos salvos como membros do Corpo de Cristo (1Co 12.12); (2) união essencial dos salvos promovida pelo conhecimento crescente sobre Jesus Cristo (2Pe 3.18); (3) união essencial dos salvos no desenvolvimento do Fruto do Espírito (Gl 5.22,23); (4) união essencial dos salvos manifestada na glória como filhos de Deus e detentores da vida eterna (Jo 17.22).*

Lopes (2015) pontua quatro razões pelas quais a igreja deve buscar a unidade:

- 3.2.1 Em primeiro lugar, porque Jesus pediu isso ao Pai (17.11,20,21,22). Jesus só tem uma igreja, um rebanho, uma noiva. A unidade da igreja é o desejo expresso de Jesus, o alvo da sua oração, a expressa vontade do Pai.
- 3.2.2 Em segundo lugar, por causa da nossa origem espiritual (17.21). Se nós somos filhos de Deus e membros de sua família, não podemos viver em desunião. Não há desarmonia entre o Pai e o Filho. Nunca houve tensão nem conflito entre a vontade do Pai e a do Filho. Se nascemos de Deus, se nascemos do Espírito, se somos coparticipantes da natureza divina e se Jesus é o nosso Senhor, não podemos viver brigando uns com os outros.
- 3.2.3 Em terceiro lugar, por causa da nossa missão no mundo (17.21,23). O mundo perdido não é capaz de ver Deus, mas pode ver os cristãos. Se o mundo enxergar amor e harmonia nos cristãos, crerá que Deus é amor. Se enxergar ódio e divisão, rejeitará a mensagem do evangelho. As igrejas que competem entre si não podem evangelizar o mundo, mas prestam um desserviço à causa do evangelho. A unidade da igreja é a apologética final, o argumento irresistível. O maior testemunho da igreja é a comunhão entre seus irmãos, é o amor com que eles se amam.
- 3.2.4 Em quarto lugar, por causa do nosso destino eterno (17.24–26). Jesus pede ao Pai que os discípulos vejam sua glória e estejam no céu com ele. Se vamos estar no céu, se vamos morar juntos por toda a eternidade, como podemos afirmar que não podemos conviver uns com os outros aqui? Precisamos aprender a viver como família de Deus desde já, pois vamos passar juntos toda a eternidade.

3.3 Oração por encorajamento à unidade.

A LIÇÃO DIZ: *Em João 17.21,22, o nosso Senhor roga para que os discípulos sejam incentivados a manter a unidade com Ele. A crença em Cristo como o único e suficiente Salvador é a principal razão da unidade cristã, de modo que os discípulos sejam encorajados a promover esse testemunho no mundo. Assim, sem essa unidade de fé, o testemunho perde completamente a sua credibilidade.*

Conforme Efésios 4, o Espírito Santo uniu os salvos em um só corpo, sob um só Senhor, com uma só fé e esperança. No entanto, ela exige responsabilidade: precisa ser zelosamente preservada por meio de posturas moldadas pelo Evangelho, tais como: humildade, mansidão, paciência e amor perseverante (Ef 4.2–3).

Conforme já abordamos, Jesus intercede por essa unidade em João 17. Sua oração não se limita aos primeiros discípulos, mas se estende a todos os que viriam a crer. Ele pede que seus seguidores sejam um como Ele e o Pai são um. Essa unidade é missional: visa que o mundo reconheça que o Filho foi enviado pelo Pai. Ou seja, a unidade da Igreja não é um fim em si, mas um meio pelo qual a verdade do Evangelho se torna visível no mundo.

A divisão, portanto, não é um detalhe secundário. Quando a Igreja se fragmenta por disputas de poder, por vaidade teológica ou por rivalidades institucionais, ela obscurece o testemunho de Cristo. Por outro lado, a unidade enraizada na verdade e nutrida pelo amor revela ao mundo algo da beleza da Trindade e da reconciliação operada pela cruz.

É verdade que há tensões entre verdade e comunhão. Nem toda divergência é carnal, e nem toda unidade é saudável. A unidade não deve ser buscada à custa da verdade, nem a verdade proclamada com espírito de divisão.

CONCLUSÃO

Ao contemplarmos a oração de Jesus em João 17, percebemos que sua intercessão transcende o tempo. Ele ora por sua própria glorificação, pelos discípulos e por todos os que viriam a crer. Sua súplica revela prioridades eternas: comunhão com o Pai, santificação na verdade e unidade visível entre os crentes. Essa oração molda nossa identidade como povo de Deus, compromete-nos com a missão no mundo e convoca-nos à comunhão autêntica. A intercessão de Cristo é contínua, conforme Hebreus 7.25, e nos chama hoje a viver como resposta viva à sua oração, com fidelidade, unidade e testemunho coerente.

ABRA A JAULA – PB. MURILO ALENCAR

REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA

CARSON, D. A.; MOO, Douglas; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2017.

KÖSTENBERGER, Andreas J.; KELLUM, L. Scott; QUARLES, Charles L. **Introdução ao Novo Testamento: a manjedoura, a cruz e a coroa**. Tradução de Carlos Lopes. São Paulo: Vida Nova, 2022.

ZUCK, Roy B. **Teologia do Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

LOPES, Hernandes Dias. **João: as glórias do Filho de Deus**. São Paulo: Hagnos, 2015.

MACDONALD, William. **Comentário bíblico popular — Novo testamento**. São Paulo: Mundo Cristão, 2011.

RYLE, J. C. (John Charles). **Meditações no Evangelho de João**. São José dos Campos, SP: Fiel, 2018.